

CONSTRUINDO CIDADÃOS: ESCOLA, CIDADANIA E DIVERSIDADE CULTURAL¹

José Alfredo de Araújo²

Vários foram os motivos que me levaram a dar continuidade ao estudo e ao objeto de pesquisa “Construindo Cidadãos: Escola, Cidadania e Diversidade Cultural”. O primeiro deles é a minha prática e a vivência no cotidiano da escola pública. Tais fatores me fazem, no contexto da educação globalizada e neoliberal, perceber que significados têm os muros, os cadeados, os portões, as chaves, os seguranças, e a falta de material didático que contemple a diversidade cultural na formação de cidadãos. O segundo, é o gostar do tema, que já vem sendo desenvolvido por mim, desde julho de 2002, quando escrevi uma monografia intitulada “A Representação Social dos Professores Sobre a Construção de Cidadania” para adquirir o título de especialista em Metodologia do Ensino, da Pesquisa e de Extensão em Educação, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Podemos constatar que cidadão e cidadania são termos e conceitos historicamente datados, a partir da Revolução Francesa, com a instalação do estado liberal-burguês, que derrotou o absolutismo. Segundo Bobbio (1997, p. 07):

Na França da segunda metade do século XVIII, no quadro da Revolução Francesa, quando eram combatidas as injustiças sociais ligadas à discriminação, uma das propostas era a eliminação dos privilégios da nobreza.

Passou-se, então, a usar as expressões “cidadão” e “cidadã”, para indicar que já não haveria nobres e que todas as pessoas, em condição de igualdade, poderiam participar plenamente da vida social e influir sobre o governo. Assim, a cidadania era a síntese da liberdade e de igualdade de todos e influenciava o direito de gozar de todos os benefícios proporcionados pela vida social e de se fazer ouvir em relação a todos os assuntos de natureza comum.

Também podemos observar que idéias, crenças e valores políticos e econômicos deveriam ser levados em consideração, no processo de construção dos cidadãos, por meio de propostas pedagógicas no espaço escolar. Por isto, neste sentido, Moita Lopes (2002, p. 200) afirma que:

A escola, é o primeiro espaço social do qual a criança participa em seu contato com o mundo fora de casa; o tempo que os indivíduos passam na escola é considerável; o papel da autoridade no gerenciamento dos significados construídos nesse contexto é desempenhado pelo professor; e o crédito social que esses significados, normalmente têm.

Logo, é imprescindível que a instituição escolar cumpra o seu papel, no que tange à construção do futuro cidadão. Também insere a pedagoga Narcimária C. do Patrocínio Luz (1996) que nas escolas oficiais as crianças também ficam “[...] expostas a deformações forjadas por estereótipos racistas, que procuram denegar essas identidades culturais, detentoras de formas próprias de existência, de um riquíssimo universo simbólico cujas linguagens expressam distintas visões de mundo”.

É importante analisar como a escola está construindo a cidadania dos seus discentes, pois entendemos que formar e ser cidadão, em um contexto cultural plural, tem significados e representações diferentes em relação ao modelo e ao discurso da cidadania universal, homogênea e irrestrita para “todos os cidadãos” do mundo globalizado.

¹ Pesquisa desenvolvida na linha de pesquisa: educação, memória e pluralidade cultural do Programa de Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB.

A Pesquisa sobre a construção dos cidadãos, no cotidiano escolar, justifica-se pelas razões que serão, sumariamente, apresentadas a seguir, assim como pela imperiosa necessidade de ampliação e de produções acadêmicas sobre o assunto.

Sabe-se que o processo democrático brasileiro sempre privilegiou um grupo, e tem historicamente excluído uma grande parte da população brasileira. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e à arrogância de poucos corresponde o desfavorecimento e a humilhação de muitos que não têm acesso aos seus direitos como verdadeiros cidadãos. Também, nesta perspectiva de classe, insere o professor Milton Santos (2002, p. 49-50) a reflexão de que: “[...]Em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãs; os pobres jamais puderam ser cidadãos. As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios e não direitos.”

A escola, por exemplo, é um espaço político e sócio-cultural de permanente conflito, no qual os diversos atores e autores, aí presentes, vivenciam processos de reprodução, de opressão, de resistência e de luta. Assim, é urgente a necessidade de estudos que extrapolem as tendências citadas, contemplando a **complexidade** (MORIN, 1996, p. 274-286) e a **multirreferencialidade** (ARDOINO) da problemática. Para tanto, é preciso um olhar que vislumbre outros aspectos presentes no cotidiano escolar, ligados às representações sociais da cidadania, tais como os tipos de relações estabelecidas, os valores que perpassam estas relações, as pressões exercidas pelos diferenciados grupos políticos, como também a diversidade étnico-cultural, as relações de gênero e a própria práxis pedagógica. Juarez Dayrell (2001, p. 143) esclarece que:

A diversidade cultural, no entanto, nem sempre pode ser explicada apenas pela dimensão das classes sociais. É preciso levar em conta uma heterogeneidade mais ampla fruto da coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições cujas bases podem ser ocupacionais, étnicas, religiosas, etc.

Um outro ponto que merece destaque consiste na formação dos educadores que não são devidamente formados para trabalhar com a cidadania plena. Sabemos, pois, que uma grande parcela desses profissionais não sabe como lidar com a diversidade cultural em sala de aula, e, por conseguinte, com as diferentes formas de conceber a cidadania, assim como exercitá-la no seu dia-a-dia. Estes são pontos importantes que devem ser levados em consideração na formação desses cidadãos, com suas experiências de vida, individualmente e enquanto grupo.

Este anteprojeto tem os seguintes objetivos a serem alcançados:

- a) analisar a construção de cidadãos a partir de sua diversidade cultural, com suas diferentes histórias de vida, nos discursos e práticas de alunos e professores do Colégio Polivalente San Diego, diante do contexto histórico da globalização e das políticas públicas do neoliberalismo na educação;
- b) identificar como os professores e alunos representam socialmente a cidadania no cotidiano da escola pública e sua diversidade cultural;
- c) compreender a existência de discursos e práticas de cidadania no cotidiano escolar, estabelecendo uma análise entre a ocorrência destes fenômenos, a construção e a prática da cidadania e a interação entre professor-aluno com as ações educativas desenvolvidas.

O procedimento desse processo de investigação dar-se-á, portanto, no Colégio Estadual Polivalente San Diego, de nível médio, (Aceleração I, II, III), onde um grupo de professores e alunos participará do desenvolvimento da pesquisa de campo. Assim, almejo utilizar o método qualitativo, o qual pode me proporcionar o contato direto com o ambiente e com os sujeitos que farão parte do objeto de pesquisa. Portanto, pretendo utilizar como métodos de estudo: a observação, histórias de vida, entrevistas, etc. A escolha do método qualitativo é resultado do elemento fundamental deste método ter por princípio a valorização do homem. Portanto, acredito

que a escolha da metodologia e das técnicas de pesquisa aqui propostas, correspondem aos objetivos deste anteprojeto.

Enfim, a pesquisa e seus desdobramentos sobre a formação de cidadãos são igualmente importantes, porque poderão contribuir na discussão sobre a escola, sobre a prática da cidadania e sobre a diversidade cultural em sala de aula, além de propiciar a investigação sobre os vários modos de entender e de “querer” a cidadania pelos alunos e professores no contexto escolar do ensino médio na Bahia.

Além disto, investigar esta realidade ciente da diversidade cultural que permeia o Brasil e, por isto mesmo, o espaço educacional. Conforme Nilma Lino Gomes, (2001, p. 86):

Ver a ação dos sujeitos sócio-culturais na escola representa o reconhecimento de que profissionais da educação, ao longo de sua trajetória de vida escolar, constroem diferentes identidades: profissional, sexual, étnica. Também os alunos/alunas são mais do que sujeitos de aprendizagem, são portadores e produtores de cultura.

Assim, este anteprojeto visa a responder o seguinte questionamento: como as práticas do cotidiano escolar estão formando os alunos para o exercício da cidadania, a partir de suas realidades sócio-culturais?

Para compreender o objeto deste estudo, leia-se a reflexão do professor Miguel Arroyo (2001, p. 41), quando se refere à diversidade e ao processo de exclusão social no Brasil, onde cada grupo ou cidadão, com a sua identidade coletiva e individual, decide pela melhor cidadania a partir de suas necessidades, ou seja:

Hoje a luta não se situa apenas e fundamentalmente no campo da participação política, dos direitos políticos, mas dos direitos sociais mais elementares: viver, comer, dormir, casa, moradia, trabalho, emprego. [...] “os mais pobres ficaram ainda mais miseráveis” e os “mais ricos ficaram ainda mais ricos” [...]. A miséria, a fome, o desemprego, a ameaça do desemprego. E o desemprego não chega só. Porque não é só ter ou não ter emprego, é que o emprego condiciona ter ou não ter um filho, ter ou não ter um companheiro, companheira, ter ou não ter casa onde morar, adiar projetos humanos, adiar projetos de maternidade, paternidade, adiar aqui uma operação, adiar a vida, adiar a dignidade humana. Isto hoje é cidadania. E muito mais do que reivindicávamos há vinte anos, “Diretas, já”. Hoje é “comida, já”, “Marmita, já”, “Emprego, já”. Isto é o que esses que foram para Brasília gritaram. A cidadania tem outra cara, tem outros conteúdos.

Também o sociólogo Luis Albala-Bertrand (1999, p. 41) observa, na mesma linha de análise da diversidade de interesses e visões de cidadania que:

[...] não há uma única resposta para a questão da cidadania; não tanto porque as vontades políticas são diferentes, mas em virtude de diferenças nos vários contextos sociais e culturais, que explicam o que está acontecendo com a cidadania e o significado atribuído a essa questão pelos indivíduos interessados.

Da mesma forma o sociólogo Manuel Antonio Garretón (1999, p. 97) afirma que:

[...] a cidadania é a reivindicação, por parte de um sujeito, de direitos e responsabilidades referentes a um poder específico. [...], a sociedade tornou-se multidimensional, com uma diversidade crescente nos campos da economia, da cultura, da política e da organização social. Isso significa que a constituição de sujeitos é abordada de diferentes maneiras em cada campo. Demandas e aspirações tornam-se mais complexas e dirigem-se não só ao acesso como também à qualidade do que se aspira.

Os estudos anteriormente citados sobre as diversas cidadanias são relevantes, pois nos levam a uma reflexão profunda sobre o tipo de cidadãos que queremos para o futuro da nação brasileira e para o mundo.

Além disto, é necessário atentar para os valores individuais, coletivos e a diversidade cultural. Assim, acredito que devem ser levadas em conta todas essas diferenças, em sala de aula, no cotidiano escolar na formação dos futuros cidadãos.

Portanto, numa perspectiva histórica, por meio deste estudo, escolhido para ser trabalhado na dissertação do Mestrado em Educação e Contemporaneidade, na UNEB – Campus I, pretendo verificar como um certo grupo de professores e alunos do Colégio Estadual Polivalente San Diego constrói o conceito e a prática da cidadania. Dentro deste contexto, pretendo pesquisar como se constroem os cidadãos no cotidiano da escola pública, em meio à diversidade cultural, onde desejo desenvolver minha pesquisa com alunos de aceleração I, II, II, no Colégio Estadual Polivalente San Diego, no qual atuo como professor de História e tenho observado que, em seu interior, há diversas formas de querer a cidadania.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (org) **Reflexões em Torno da Abordagem Multirreferencial**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

MARTINS, João Batista. **Multirreferencialidade e Educação**. São Carlos: EDUFSCAR., 1998, p. 21/33

BERTRAND, Luis Albala. (Org.) **Cidadania e Educação: Rumo a uma prática significativa**. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papirus; Brasília: Unesco, 1999.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DAYRELL, Juarez. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. Juarez Dayrell (org). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura. Conhecimento e Cultura na Escola: Uma Abordagem Histórica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, pp.127-135.

GOMES, Nilma Lino. Juarez Dayrell (org). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Escola e Diversidade Étnico-Cultural: Um Diálogo Possível. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p.85-91.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Pedagogias Nocivas**. Caderno Cultural. A Tarde, Salvador, 6 abr. 1996.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades Fragmentadas: A Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal**. 9.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHNITMAN, Dora Fried. (org.) **Novos Paradigmas**, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996. 294 p

MORIN, Edgar. **Epistemologia da Complexidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.